

# As visões do paraíso de Araquém Alcântara

Seu nome é hoje sinônimo de fotografia ambiental e seu próximo projeto é um livro com imagens inéditas da Amazônia, a floresta, os índios, as populações ribeirinhas, mas também a devastação e o abandono dos povos indígenas, e textos de grandes autores da região, como Thiago de Mello

Fotos de Araquém Alcântara

RICARDO DE SOUZA

Nunca se falou tanto de ecologia quanto na década de 90. Certamente, foi o período em que o mundo percebeu que o esgotamento das fontes naturais do planeta não é apenas um fato provável, mas uma possibilidade concreta. No entanto, bem antes dessa tomada de consciência, um fotógrafo brasileiro já perambulava pela Amazônia para registrar as belezas da região e as agressões do homem à natureza. Trata-se de Araquém Alcântara, que hoje é uma referência quando o assunto é fotografia ambiental.

Há cerca de dois anos, Alcântara reuniu parte do resultado de um trabalho de dez anos no livro *Terra Brasil*, que se transformou num grande sucesso, principalmente no exterior. Agora, ele tem um novo projeto, dessa vez ao lado de escritores como o poeta amazonense Thiago de Mello. O objetivo é lançar, ainda este ano, um novo livro com imagens inéditas da região e textos deste e de outros autores. Com título provisório de *Amazônia - Visões do Paraíso*, o projeto depende de apoio de patrocinadores para ser realizado.

**Obra grandiosa** - A intenção é fazer um trabalho grandioso, que terá um custo de R\$ 386.110,00. O livro faz parte de um ciclo sobre a Amazônia que o fotógrafo quer fechar daqui a dois ou três anos. "Esse trabalho vai focalizar a beleza da região, mas não vai esconder as questões polêmicas, como o desmatamento e o abandono dos povos indígenas", esclarece Alcântara.

A preocupação social do fotógrafo é compreensível. Afinal, há quase duas décadas ele frequenta a floresta, aldeias e navega por dezenas de rios, acompanhando de perto tudo o que ocorre por lá. E nem sempre o que vê são flores e araras coloridas. "Estive numa região chamada Serra do Aracá, onde havia seis garimpeiros de cantalipa (mineral usado para reforçar a estrutura de turbinas de aviões) que trabalhavam num regime de quase escravidão, vendendo o garimpo por uma mixaria que dá apenas para sobreviver", lembra o fotógrafo. "Registrei essa situação, mas ao mesmo tempo fotografei o local, que tem 100 quilômetros de planície."

É essa junção de beleza e interferência humana que Alcântara busca hoje no seu trabalho. "Acho que isso é inédito, pois quem fotografa a natureza ignora o lado humano", afirma. Em *Visões do Paraíso*, esses contrastes serão acentuados pelo texto de Thiago de Mello, autor de magníficos relatos sobre a grandiosidade da Amazônia e um dos principais críticos da destruição gradual da região (leia trecho ao lado). O fotógrafo quer convidar também o escritor Márcio de Souza para falar sobre o futuro da região.

"Thiago tem a visão de que a Amazônia está sendo destruída pela omissão do governo e pela interferência estrangeira; e por isso contestou o título que havíamos imaginado", conta Alcântara. "Vamos encontrar-nos para pensar em algo que não pareça apenas uma exaltação."

Realmente, o momento não é propício para qualquer tipo de exaltação. Para o fotógrafo, a Amazônia sofre hoje o mesmo processo que resultou na destruição quase completa da Mata Atlântica. São índios virando bandidos e escondendo mogno para vender e outros que não pescam nem caçam mais, vivem



Cenário idílico da região amazônica: imagens inéditas de um paraíso ameaçado pelo homem

do apenas de 10% do que é arrecadado por garimpeiros. Segundo Alcântara, há casos de índios que cheiram desodorante para ficarem entorpecidos. "Não há muito o que comemorar nos 500 anos do Descobrimento."

O projeto editorial do livro prevê a utilização de pelo menos 150 fotografias. A publicação vai destacar aspectos da região tais como a riqueza da floresta, seus aspectos geológicos e biológicos mais relevantes, os primeiros descobridores e a extração de especiarias, os povos indígenas e a população ribeirinha, seus ritos e festas ancestrais em confronto com os dilemas causados pelos problemas por que passa o local, os ciclos predatórios, projetos de pesquisa, além, é claro, da biodiversidade da floresta.

Depois que o patrocínio for acertado, será impressa uma tiragem de 4 mil exemplares, dos quais 3 mil serão destinados ao patrocinador, 200 doados a bibliotecas, 100 reservados para a divulgação e 500 postos à venda em livrarias. A edição terá textos em português e em inglês, já que a Amazônia sempre desperta interesse no mercado internacional.

Nesses quase 20 anos percorrendo florestas e rios, Alcântara conquistou grandes amizades e, sobretudo, aprendeu muita coisa. Entre as grandes recordações está uma conversa com um vaqueiro chamado Samuca, que conheceu no Parque Nacional Grande Sertão Veredas, em Minas Gerais. Foi dele a frase que o fotógrafo guarda até hoje: "Meu menino, donde só se tira e 'num' se põe, um dia tudo mais tem que se acabar; o vazio da noite pode ser o dia." O dia, no caso, é o nosso futuro.

Os interessados em mais informações sobre o projeto *Amazônia - Visões do Paraíso* devem entrar em contato com Willian Torre ou Mauro Lima na Comdesenho, pelo telefax 0XX (11) 575-3937.

Os interessados em divulgar seus projetos e pedidos de patrocínio nesta seção devem enviar fax para (011) 856-2935



Marcos Blau

Alcântara: "Momento não é propício para exaltação"

## TRECHO

"Da altura extrema da Cordillera, onde as neves são eternas, a água se desprende e traça um risco trêmulo na pele antiga da pedra: o Amazonas acaba de nascer. A cada instante ele nasce. Descende devagar, sinuosa luz, para crescer no chão. Varando verdes, inventa o seu caminho e se acrescenta. Águas subterrâneas afloram para abraçar-se com água que desceu dos Andes. Do bojo das nuvens alvíssimas, tangidas pelo vento, desce a água celeste. Reunidas elas avançam, multiplicadas em infinitos caminhos, banhando a imensa planície cortada pela linha do Equador.

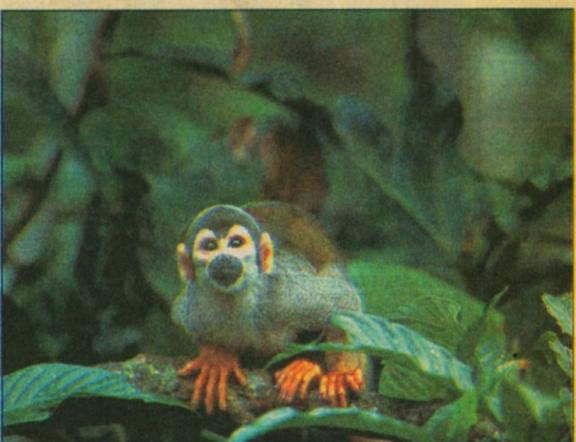
Planície que ocupa a vigésima parte da superfície deste lugar chamado Terra, onde moramos. Verde universo equatorial que abrange nove países da América Latina e ocupa quase a metade do chão brasileiro. Aqui está a maior reserva mundial de água doce, ramificada em milhares de caminhos de água, mágico labirinto que de si mesmo se recria incessantemente, atravessando milhões de quilômetros quadrados de território verde. É a Amazônia, a pátria da água.

É a Grande Amazônia, toda ela no trópico úmido, com a sua floresta compacta e atordoante, onde ainda palpita, intocada e em vastos lugares jamais surpreendida pelo homem, a vida que se foi urdindo em verdes desde o amanhecer do Terciário. Intocada e desconhecida em muito de sua extensão e de sua verdade, a Amazônia ainda está sendo descoberta.

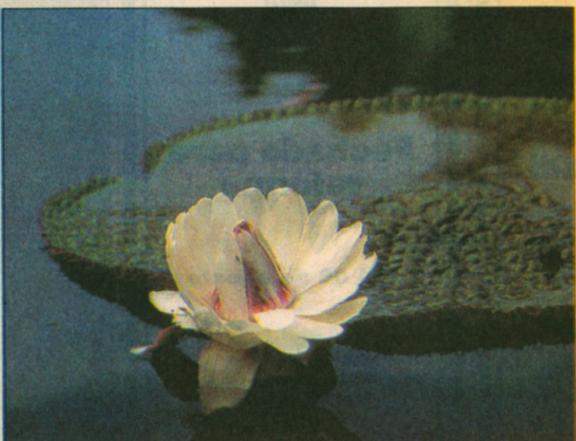
Iniciado há quatro séculos, o seu descobrimento ainda não terminou. E, no entanto, pelo que já se conhece da vida na Amazônia, desde que o homem a habita, ergue-se das funduras das suas águas e dos altos centros da sua selva um terrível temor: o de que essa vida esteja, devagarinho, tomando rumo ao fim."



Povos indígenas: muitos grupos vivem hoje do garimpo e do contrabando de madeiras nobres e já nem pescam nem caçam



Biodiversidade: livro vai mostrar contrastes, como a riqueza da fauna e os dilemas que a região enfrenta



Vitória-régia: paisagem ameaçada pelo desmatamento indiscriminado e pela expansão do garimpo

### LEI ROUANET (Nº 8.313)

A Lei Federal n.º 8.313 leva o nome do secretário de Cultura do governo Collor. Foi assinada em 1991 e permite às empresas patrocinadoras um abatimento de até 4% no Imposto de Renda (desde que já disponha de 20% do total pleiteado). Para ser enquadrado na lei, o projeto precisa passar pela aprovação do Ministério da Cultura, sendo apresentado à Coordenação geral do Mecenato e aprovado pela Comissão Nacional de Incentivo à Cultura. Informações sobre a lei pelo ☎ 061-321-7994.

### LEI DO AUDIOVISUAL

A Lei Federal n.º 8.685, modificada pela MP 1515, permite desconto fiscal para quem comprar cotas de filmes em produção. O limite de desconto é de 3% para pessoas jurídicas e de 5% para pessoas físicas, sobre o Imposto de Renda. O limite de investimento por projeto é de R\$ 3 milhões. Para ser enquadrados na lei, os projetos precisam passar por uma comissão da Secretaria para o Desenvolvimento do Audiovisual, em Brasília ☎ 061-226-6299

### LEI MENDONÇA

A Lei Municipal n.º 10.923, criada pelo então vereador Marcos Mendonça, está em vigor desde 1991. Permite que o contribuinte do IPTU e ISS abata até 70% do valor do patrocínio desses impostos. O desconto não pode ultrapassar 20% do valor do imposto, mas é possível lançar a diferença entre patrocínio e desconto do imposto, a seu favor, para outros pagamentos dos impostos, num prazo de até 24 meses, podendo nesse período resgatar o total de desconto a que tem direito. (Informações pelo ☎ 225-9077, ramais 2291, 2292 e 2296)

### LEI DE INCENTIVO À CULTURA

A Lei Estadual n.º 8.819, criada no governo Fleury, está em vigor desde julho de 1996. A Linc cria o Programa Estadual de Incentivo à Cultura e institui o Conselho de Desenvolvimento Cultural, responsável pela análise dos projetos. A lei não pode destinar recursos superiores a 80% do custo total dos mesmos. A inscrição do projeto será feita por meio de formulário específico da Secretaria de Estado da Cultura, Rua Mauá, 51, 3º andar, sala 310, ☎ 221-2158/5938/4057 ramais 235 e 237.